



Século. Ilustrado, nestes últimos números, pôs os principais partidos políticos portugueses as seguintes questões sobre o aborto:



A OPRESSÃO SEXUAL

Se a mulher quer fazer a sua revolução, precisa de saber quem a oprime e como foi engendrada a sua escravatura.

Antes de ser mulher a fêmea era livre, como são livres as fêmeas selvagens, e livre se manteve durante o longo período da animalidade primitiva.

A apropriação sexual da mulher pelo homem, com intencionalidade e permanência, não apareceu senão depois do nascimento do matrimónio andrógamico.

O homem primeiro opressor A mulher primeiro ser subjugado

Segundo Morgan e Engels, na passagem da animalidade para a humanidade existiu um longo período de promiscuidade sexual. Homens e mulheres mantinham relações sexuais sem restrições de qualquer espécie.

A fêmea que saiu da animalidade era uma mulher livre. Ao período da promiscuidade sexual seguiu-se o casamento por grupos, que deu origem às primeiras formas de família.

Engels, baseado no estudo que Morgan fez, directamente, das sociedades primitivas, escreve: «A família consanguínea é a primeira etapa da família. Nesta, os grupos conjugais classificam-se por gerações.

Família como forma de opressão

Nesta forma de família, os ascendentes e descendentes, os pais e os filhos são os únicos que, reciprocamente, estão excluídos dos direitos e deveres (podermos dizer) do matrimónio.

Segundo Morgan, da família consanguínea saiu a família punalua. Nesta espécie de família, os irmãos são também excluídos das relações sexuais.

Quando vivia em promiscuidade, a mulher era livre de copular com o homem que quisesse e livre para se defender do macho pelos seus próprios meios.

Quando vivia em promiscuidade, a mulher era livre de copular com o homem que quisesse e livre para se defender do macho pelos seus próprios meios.

Quando vivia em promiscuidade, a mulher era livre de copular com o homem que quisesse e livre para se defender do macho pelos seus próprios meios.

Quando vivia em promiscuidade, a mulher era livre de copular com o homem que quisesse e livre para se defender do macho pelos seus próprios meios.

Quando vivia em promiscuidade, a mulher era livre de copular com o homem que quisesse e livre para se defender do macho pelos seus próprios meios.

Quando vivia em promiscuidade, a mulher era livre de copular com o homem que quisesse e livre para se defender do macho pelos seus próprios meios.

Quando vivia em promiscuidade, a mulher era livre de copular com o homem que quisesse e livre para se defender do macho pelos seus próprios meios.

relações sexuais com os homens que elas não quisessem.

Engels deixa-se aqui impressionar pelos conceitos de castidade e fidelidade femininas inventados pelos homens para uso exclusivo das mulheres.

Se foi a mulher que efectuou a passagem do matrimónio por grupos ao casamento andrógamico, não foi por interesse em ser casada com um só homem, mas apenas porque não deveria desejar ser obrigada a manter relações sexuais com todos os homens que a procurassem.

E, se foi a mulher que quis ver-se livre dos deveres do casamento por grupos, foi o homem que se aproveitou dessa situação para impor à fêmea condições sexuais ainda mais envilecedoras e opressivas do que as que ela anteriormente suportava.

O que as mulheres desejam não podia ser senão o direito de dispor do seu corpo. O que os homens lhes impuseram foi a obrigação de entregar o corpo a um homem, ficando ele com o direito de escolher várias mulheres.

O homem acabava de inventar a fidelidade conjugal, tal como ela hoje ainda existe. Fidelidade para a fêmea. Liberdade para o macho.

A mulher propriedade do homem

A hipótese de ter sido a mulher a efectuar a passagem ao matrimónio andrógamico é aliciante para os homens de todas as épocas, pois que ela pode camuflar a ori-

gem da apropriação da fêmea pelo macho. Na verdade, a mulher tornou-se propriedade do homem quando passou a ser casada com um só marido e sujeita ao castigo corporal inventado para a esposa infiel.

Diz Engels: «Neste estágio (da família andrógamica) um homem vive com um; mulher, mas de tal maneira que a poligamia e a infidelidade ocasional continuam a ser um direito do homem, embora a poligamia seja raramente observada por causas económicas.

A violência masculina organiza-se ostensivamente. O homem dispõe do corpo da esposa, sem que ela possa dispor do corpo do marido. Dividido o marido entre várias mulheres ocasionais, cada esposa tem de satisfazer-se com os favores que o marido infiel lhe concede.

A mulher já não tem homem. Tem um proprietário que tudo pode exigir dela, sem que ela possa exigir nada dele. O casamento andrógamico transformou a mulher numa fêmea sem macho. O marido andrógamico inventou para ela a castidade forçada.

Enquanto o homem tem o direito de procurar outras mulheres, a esposa andrógamica tem o dever de não procurar outro homem. O seu sexo está aprisionado pelo homem com quem vive.

O sexo da mulher foi o primeiro objecto da propriedade privada. A fêmea é, agora, uma verdadeira escrava sexual.

MAYA CASTRO do livro «A mulher do futuro»

Prostituição: produto da sociedade capitalista

Lénine 1913: será diverso o problema hoje?

Em Londres encerrou-se recentemente o quinto Congresso internacional de luta contra o tráfico de brancas...

Expandiram-se a seu gosto duquesas, condessas, bispos, pastores, rabinos, funcionários da polícia e toda a classe de filantropos burgueses!

Quando o delegado austríaco Herner tentou colocar a questão relativa às causas sociais da prostituição...

Quando o delegado austríaco Herner tentou colocar a questão relativa às causas sociais da prostituição...

1 — Segundo o Código Penal Português o aborto é um crime punível de 2 a 8 anos. Qual a posição do Partido (ou Movimento) perante a legislação e o aborto?

2 — Para além da modificação da lei, que outras medidas lhe parecem necessárias e urgentes para que o aborto seja aceite e praticado na sociedade portuguesa?

3 — Como se justifica que após dez meses do 25 de Abril tanto os partidos políticos como os movimentos progressistas portugueses não se tenham ainda pronunciado clara e inequivocamente contra uma legislação repressiva e fascista?

Daí, respigamos, em síntese, breves trechos, a significar diferentes posições partidárias ou ideológicas a propósito deste controverso problema da sociedade portuguesa.

P. P. D. Fonte de discriminação social

O P. P. D. considera que o problema moral e social do aborto carece de ser amplamente examinado. No que diz respeito à sua posição perante o direito criminal, isso resulta claramente do programa do Partido...

A disposição incriminadora do aborto é muito dura na punição correspondente e encerra, com extrema rigidez, esse problema humano e social.

O P. P. D. considera, ainda, ser, hoje em Portugal, a aplicação prática da disposição penal punitiva do aborto uma fonte de discriminações sociais, gravemente injustas.

Effectivamente só as mulheres das classes sociais mais desfavorecidas, do ponto de vista económico, são atingidas pela pena correspondente.

O P. P. D. (...) entende que, só depois de um amplo debate nacional, aberto a todos os cidadãos e a todas as correntes de opinião, deve ser consagrada uma obrigação definitiva sobre o assunto.

FRENTE SOCIALISTA POPULAR

Uma imposição da ideologia dominante

O aborto não é em si mesmo um problema político, nem sequer um problema jurídico. É uma questão do foro individual.

Partido Revolucionário do Proletariado — Brigadas Revolucionárias

É necessário mudar a vida toda

1 — O P. R. P. — BRIGADAS REVOLUCIONÁRIAS considera que:

2 — Deve ser, praticado tendo apenas como determinação a vontade expressa da mulher grávida.

3 — A sua execução deve recondicionar-se de condições de segurança, utilizando técnicas de eficácia comprovada.

4 — A legalização do aborto não deve conduzir a um menor desenvolvimento e divulgação das práticas anticoncepcionais.

5 — O estudo e planeamento demográfico após a Revolução Socialista pode conduzir a uma política de incremento de mais ou menos nascimentos conforme as necessidades, mas isto nunca poderá traduzir-se em interferência sobre a liberdade e a vontade dos cidadãos em relação ao número de filhos.

Actualmente, não é só a legislação que existe: são os preconceitos, é o conceito sobre o papel da mulher na sociedade, são os diversos tabus, que não desaparecem no dia em que desaparecer a legislação, que não se eliminam por decreto.

Isto permite ajuizar acerca da repulsa hipocrítica burguesa que impera nestes congressos aristocráticos-burgueses.

raízes destas grande prisões. Também não acredita este partido que estes problemas se resolvam por efeito mecânico da resolução dos problemas económico-sociais.

M. E. S. Um problema da libertação da mulher!

O Grupo de Saúde do Movimento de Esquerda Socialista considera que o problema do aborto, da maneira como nos é colocado nas perguntas que constituem este inquérito, é um falso problema.

Não está em causa (para nós) se o aborto deve ser ou não legalizado na sociedade capitalista, correspondendo a mais uma medida liberalizante da mesma, necessária à sua sobrevivência como classe dominante.

Deve primeiro o problema do aborto (como aliás tantos outros que afectam a mulher portuguesa aqui e agora) ser enquadrado numa luta mais geral que é a luta da mulher pela sua libertação.

«Esta é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo.»

«E pois o problema do aborto em Portugal um exemplo da contradição entre a mulher e a ordem social. E esta contradição, para além das condições específicas da sua situação, é a contradição entre ela e a exploração do homem pelo homem, entre ela e a propriedade privada dos meios de produção.

Naturalmente isto não nos impede de modo algum de exigir a abolição absoluta de todas as leis que castigam o aborto ou a difusão de obras de medicina em que se expõem medidas anticoncepcionais, etc. já que consideramos o aborto um último recurso a esta medida.

Mas o facto de considerarmos que só na sociedade socialista é dada à mulher a verdadeira liberdade de escolher se quer ou não ser mãe, não obsta a que, aqui e agora, consideremos a luta pela legalização do aborto, que o torne livre e gratuito em instituições hospitalares, uma luta progressista se ultrapassar uma mera reivindicação no poder burguês (que até a pode conceder se isto for do interesse não-de-obra-produtor) e for enquadrada como atrás foi dito, já que em Portugal centenas de milhares de abortos são feitos por ano em condições de profunda desigualdade, pois se a burguesia o pratica em clínicas de luxo e com assistência médica (em Portugal ou no estrangeiro) as classes exploradas o fazem sem as mínimas condições, arriscando em cada prática a própria vida.

L. U. A. R. Abortar é diverso de malar

A lei actual, por completo desligada da realidade, significa tanto opressão da mulher como opressão de classe.

Opressão da mulher na medida em que as mulheres, sejam elas menos ou mais favorecidas, estão numa situação humilhante, onde não podem decidir sobre o seu corpo e a sua vida.

Opressão de classe na medida em que a mulher sem suficiente dinheiro para pagar consultas médicas, partos formados, viagens para o estrangeiro, clínicas, etc. tem de ir às curandarias ou mesmo fazer o aborto





dia internacional da mulher

TODAS AS MULHERES SÃO PROLETÁRIAS

Todos os homens estão directamente em contacto com o capital. Ou como patrões ou como trabalhadores. Constituem, portanto, duas classes opostas, que se defrontam socialmente.

A exploração gratuita da vida doméstica Este critério não era económico. Não tomava em conta a situação da mulher doméstica na vida económica, mas sim a sua ligação matrimonial com um proprietário.

Um problema que o socialismo não resolveu Um socialismo conseguido com o trabalho escravo das mulheres. O verdadeiro socialismo não foi ainda edificado em nenhum país, pois que, sem a destruição da instituição que mantém no lar o trabalho escravo das mulheres, não poderá haver igualdade de direitos para a mulher e para o homem.

A mulher que tem uma profissão, que ganha o seu sustento e que continua a fazer o serviço doméstico ao marido cede, diariamente, a força de trabalho de duas jornadas. Uma ao seu patrão, outra ao marido. Uma, em troca de um salário. Outra, em troca de nada.

Um homem que tem uma profissão, que ganha o seu sustento e que continua a fazer o serviço doméstico ao marido cede, diariamente, a força de trabalho de duas jornadas. Uma ao seu patrão, outra ao marido.

JOSINA TU NÃO MORRESTE

Josina tu não morreste porque assumimos as tuas preocupações e elas vivem em mim. Não morreste porque os interesses fundamentais que defendias foram integralmente recebidos por nós, como herança.



MAIS OU MENOS FILHOS UM PROBLEMA CULTURAL

O desejo positivo de ter um grande número de crianças, por motivos religiosos, morais ou económicos (uso do cultivador), é cada vez menos forte em todos os países, mesmo entre os homens, como o mostram numerosos inquéritos à opinião pública. Mas entre a atenuação desta vontade positiva, tradicional, e a utilização eficaz de práticas antinatalistas situa-se uma vasta gama de atitudes.

Não se pode esperar, portanto, que a mulher seja capaz de controlar a sua fertilidade de forma eficaz, a não ser que seja ajudada por métodos contraceptivos. A contracepção, contudo, não é uma simples questão de moralidade, mas sim uma questão de saúde pública e de bem-estar social.

Em fins de 1972, encontramos mais ou menos no mesmo ponto, contrariamente às previsões e a todos os precedentes em matéria de inovação.



DO DIÁRIO DUMA TRABALHADORA

Terça-feira, 9 de Janeiro. Ontem, no refeitório, discussão sobre o luto. Toda a gente estava de acordo em não o usar e em que era uma hipocrisia e um comércio, e em que para nada servia.

mapa da minha opinião sobre o assunto. Tratava-se de uma mulher que acabava de ter o seu nono filho. O médico (mulher) perguntou-me se ela estava satisfeita com este novo nascimento e obtive a seguinte resposta: «Estou muito feliz, porque é a primeira vez que me dá uma criança viva».

Alguns processos estão, no entanto, próximos. As «pílulas» em uso têm poder bem superior ao que é necessário e agem sobre diversos pontos do circuito genésico, quando um só bastaria; a redução da dose libertará portanto margens utilizáveis noutra direcção.

ODEILE SIMON em «Lecturas» era / Vida do Trabalho (Diário)

em «Crescimento Zero» de AL-FRED SAUVY